

Compete aos poderes municipal, estadual e federal aprofundarem esta questão, descobrindo os mecanismos através dos quais as populações possam assumir a atitude preservacionista, como única capaz de lhes garantir o desempenho de papéis sociais futuros e único terreno sobre o qual o porvir poderá ser concebido, até mesmo através de uma reinvenção do passado.

As 174 assinaturas que reivindicam o tombamento do “Casa-rão” de Joaquim Egídio são o testemunho vivo de que o futuro do Homem tem de estar calcado nos passos da herança social que ele constrói, cumulativamente, ao longo de gerações, pois só ela lhe dá a identidade, só ela o faz sentir-se sujeito da história, só ela lhe dá a crença de que há um futuro possível.

Sou favorável ao tombamento requerido.

Campinas, 03 de maio de 1989.

a) Regina Márcia Moura Tavares

*

SANTA CASA DO ARQUIVO PARA O CENTRO DE MEMÓRIA

A Santa Casa de Misericórdia de Campinas acaba de entregar para o Centro de Memória da Unicamp todo o seu arquivo histórico que guarda a memória da cidade no registro de mais de 500 mil doentes que por ali passaram. Os documentos e livros retratam a história dos 118 anos da instituição. Para o diretor do Centro de Memória, J. R. do Amaral Lapa, o acervo da Santa Casa permitirá o resgate da memória do homem doente para a compreensão de suas dores e sofrimentos, possibilitando a observação dos mecanismos sociais – administrativos e burocráticos, as práticas religiosas e o exercício do poder – e o universo que passa a existir entre médico e doente. “No caso do arquivo da Santa Casa, é o universo da pobreza, a história dos homens e mulheres que, num momento de desorganização de suas vidas, de desconforto, de fatalismo e dor recorrem ao hospital que os atende há tanto tempo”, diz o diretor. (De uma notícia divulgada pelo “Correio Popular”, em 20-6-1989).

*

LAMENTÁVEL DESCUIDO “FERROVIÁRIO”

Em seu número 172, de março do corrente ano, a preciosa “Revista Geográfica Universal”, publicou excelente reportagem sobre Cân-

dido Portinari. Infelizmente, a certa altura, incidiu em lamentável descuido “ferroviário”... a propósito da terra natal do grande pintor. Com efeito, à página 52, lê-se que “a cidadezinha de Brodowski nasceu em torno da estação ferroviária construída pela São Paulo Railway (depois Mogiana)...”. Não. Trata-se de duas ferrovias distintas. A São Paulo Railway foi construída entre 1864 e 1867 para estabelecer ligação do porto de Santos com o planalto paulista, tendo sua estação terminal em Jundiaí. Cinco anos depois, em 1872, foi fundada em Campinas a “Mogiana” (Companhia Mogiana de Estradas de Ferro) e a esta empresa coube levar os trilhos até a região de Ribeirão Preto e Franca, transpondo depois o rio Grande e alcançando Araguari, no Triângulo Mineiro. Precisamente entre Ribeirão Preto e Franca é que foi estabelecida, cremos que em 1884, a estação de Brodowski, origem da cidade onde nasceu Portinari. Portanto, a São Paulo Railway nunca teve nada com a região, pois nunca passou de Jundiaí. O nome da estação e depois cidade foi dado em homenagem a um engenheiro polonês contratado pela Mogiana. Aportuguesado por muito tempo para **Brodosqui**, teve sua forma original restabelecida por ato recente do governo estadual.

*

FEMINISMO EM PERNAMBUCO NO SÉCULO XIX

Uma equipe de oito pesquisadoras da Universidade Federal de Pernambuco, interessada em reescrever a História do Brasil a partir do ponto de vista feminino, vasculhou arquivos e bibliotecas antigas nos últimos dois anos, e descobriu documentos — sobretudo jornais e livros — que revelam a existência, no século passado, de uma intensa atividade intelectual realizada por mulheres.

Entre 1830 e 1890 as pesquisadoras localizaram cerca de vinte periódicos redigidos por mulheres, que propagavam as idéias mais modernas da época, como a abolição dos escravos e a profissionalização da mulher e já denunciavam a dívida externa do país.

O jornal feminino mais antigo localizado pela pesquisa chama-se **Espelho das Brasileiras**, e foi publicado em 1831, em Olinda, provavelmente redigido por Nísia Floresta, escritora e pioneira do feminismo no País. Todavia, o campeão da retórica violenta é **A Mulher**, editado em 1883 por Josepha Oliveira e Maria Estrella, que estudaram medicina nos Estados Unidos e lá mesmo publicaram as seis primeiras edições, em língua portuguesa. O tema preferido das editoras de **A Mulher** era a instrução universitária para suas contemporâneas.